

CURSO – MEDICINA/USP


Lucas Del Gallo Vieira da Rocha

“Dei uma reviravolta e decidi fazer Medicina.”

Lucas Del Gallo Vieira da Rocha estudou no Colégio Etapa desde o Fundamental e, em 2011, entrou na Medicina Pinheiros. Em 2016 formou-se e irá iniciar a residência médica no Hospital das Clínicas no próximo ano. Neste ano ele está nas Forças Armadas, servindo na Aeronáutica, que tem em São Paulo o Hospital de Força Aérea. Aqui ele descreve em detalhes como é a formação de um médico na Pinheiros e, lembrando seus tempos no colégio, diz: “Aqui construí grande parte da pessoa que sou”.

JC – O que levou você a escolher Medicina como carreira?

Lucas – Sempre achei que ia fazer alguma coisa de Exatas. Meu pai é engenheiro, minha mãe é física e sempre tive mais contato em casa com o universo de Exatas. Até o 2º ano do Ensino Médio eu queria fazer Engenharia Aeronáutica no ITA. Até estava no Projeto ITA, que tinha exercícios focados nesse vestibular. Só que no 3º ano comecei a estudar direito as coisas e vi que não era bem isso que eu queria fazer. Decidi procurar uma área diferente. Dei uma reviravolta e decidi fazer Medicina.

Quando você entrou no Etapa?

Entre na 5ª série do Ensino Fundamental.

Como foi a escolha pelo Etapa?

Meus pais conheciam a fama do colégio. Depois eles trouxeram minha irmã para o 1º ano do Ensino Médio e hoje ela faz Nutrição.

Com a troca de carreira no Ensino Médio, você mudou seu método de estudo?

Não, só direcionei para o que caía na Fuvest, o modelo de exercícios.

Você participou das atividades extracurriculares do colégio?

Na 5ª série fiz preparação para olimpíadas de Física, mas acabei não me identificando muito. No Ensino Médio participei do Clube de Cinema. Era nas quintas-feiras – eu assistia a um filme e vinha discutir. Eram discussões bem interessantes.

Como foi o seu início na Pinheiros? Você se adaptou fácil?

Eu era dos mais novos da minha turma, mas eu e outros alunos do Etapa que tinham entrado formamos um grupo na primeira semana, antes de começarem as aulas, para ninguém ficar sozinho nas festas, até conhecer o resto da turma. Depois não foi difícil, o pessoal é acolhedor com quem está chegando.

Você teve alguma dificuldade com relação à mudança de colégio para faculdade?

Um pouco na questão de estudar, por precisar fazer uma busca mais ativa por conhecimento e ir atrás de livros. No colégio a gente tinha tudo na mão. Mas tirava boas notas na faculdade.

ENTREVISTA

Carreira – Medicina

1
ENTRE PARÊNTESES

Quem é o pai?

5
ESPECIAL

Uma atividade nota 10

6

Alunos do Fundamental I têm aulas de Educação Financeira

7
CONTO

O viúvo – Artur Azevedo

4
MAS, MÁIS, MAIS

[E OUTRAS QUESTÕES GRAMATICAIS]

Concordância verbal

5

As atividades extracurriculares são uma das características da Pinheiros. De quais você participou?

Logo que chega você já conhece a Atlética, o Centro Acadêmico, as extensões. No primeiro semestre eu participei como plantonista no cursinho popular da escola. Tinha o conhecimento ainda fresco na cabeça. Eu era plantonista de História, mas tive de dar uma força também nas outras matérias. Física, Matemática, Química, Biologia. Fiz parte da Atlética a partir do segundo semestre. Jogava polo aquático, uma coisa que nunca tinha feito. Foi um desafio aprender a jogar na piscina, totalmente diferente. Continuei jogando até o final do 6º ano.

Participou das ligas?

No 2º ano participei da Liga de Emergências Clínicas, no 3º ano entrei na Liga de Diabetes, fiquei até o 4º ano, até fui diretor dessa liga. As faculdades de Medicina de São Paulo fazem juntas, anualmente, o Simpósio Acadêmico de Diabetes Mellitus. Há uma comissão central que funciona de forma rotativa, cada ano uma universidade é responsável pela organização do encontro. Na 4ª edição, em 2014, como eu era diretor da liga na Pinheiros, presidi a comissão organizadora. Participaram as faculdades de Medicina da USP, Unicamp, Unifesp, UFSCar, PUC-SP, Puccamp, Famerp, São Camilo, Universidade Federal do ABC, Santa Casa e Faculdade de Saúde Pública da USP.

Qual foi a importância das ligas para sua formação?

O currículo no curso de Medicina está mudando, mas uma coisa que não tinha era o acompanhamento longitudinal do paciente. No modelo de curso que eu fiz você ia ao hospital numa semana, via um paciente internado, na outra semana podia ser que ele não estivesse mais lá. Também participei da Liga de Urologia no 4º ano, uma liga que tinha uma parte cirúrgica.

Os alunos podem ficar quanto tempo em uma liga?

Você pode ficar o tempo que quiser.

Que matérias você viu na faculdade em cada ano?

Os dois primeiros anos formam o chamado Ciclo Básico, com aulas principalmente na Cidade Universitária. As matérias básicas eram Anatomia, as diferentes Fisiologias, Histologia, tinha uma parte de Humanidades, de História da Medicina. No 2º ano tinha um pouco mais de Fisiopatologia das coisas, bases fisiológicas da Clínica Médica. Bases de todas as áreas da Medicina. É uma introdução para o 3º e o 4º ano, que formam o Ciclo Clínico, quando se divide a sala de aula com o hospital. Aí se começa a aprender Propedêutica, como examinar o paciente. Tem diferentes propedêuticas: clínica, cirúrgica, da criança, do idoso. Começam algumas especialidades da Medicina, Oftalmologia, Otorrinolaringologia, Ortopedia. Na minha época, no 3º ano tinha Técnica Cirúrgica, em que se começa a aprender a fazer sutura, pequenos procedimentos.

E no 4º ano?

O 4º ano é o grande diferencial da faculdade, tem a grande área de Clínica Médica, que se divide em Cardiologia, Clínica Geral, Geriatria, Pneumologia, Oncologia etc., junto com Cirurgia. A gente vai ao Centro Cirúrgico, vê cirurgias. Isso no primeiro semestre. O segundo semestre era dividido em duas partes: na primeira metade, doenças infecciosas; na outra metade do semestre, Pediatria, Obstetrícia, Ginecologia, Neurologia, Medicina Sexual, Psiquiatria.

E o 5º e o 6º ano, como se desenvolvem?

No 5º e no 6º ano há o Internato – é exclusivamente hospital. O que vê no livro você começa a ver no paciente e tenta desempenhar o papel de médico. O internato funciona por estágios, por exemplo, na Dermatologia, na Psiquiatria, na Clínica Médica. Tem os pacientes que você vê todo dia, que são responsabilidade sua. No hospital, junto com os professores, você ajuda a fazer prescrição, o que você vai dar de terapêutico para o seu paciente, como é que você investiga o problema dele, e também as angústias dele.

Quando começam os plantões?

No 5º ano você já começa a dar plantão, mas geralmente é mais ambulatorial. Os pacientes estão nos diferentes ambulatórios, por exemplo, de Psiquiatria, de Dermatologia, e internados nas enfermarias, por exemplo, de Pediatria, Clínica Médica, na Cirurgia. No 6º ano o enfoque passa a ser mais em Emergência, que é pronto-socorro, de Ginecologia e Obstetrícia, de Neurologia, de Cirurgia.

Emergência funciona também em UBS?

Não, só em hospital. A gente faz rodízio entre os prontos-socorros do Hospital Universitário, o HU da Cidade Universitária, e os prontos-socorros do Hospital das Clínicas. Tem o pronto-socorro de Ortopedia, de Cardiologia no Unicolor, tem o pronto-socorro do Instituto Central, que é clínica médica, cirurgia, tem o pronto-socorro do Instituto da Criança, que é referência nacional.

Quando você pensou em se especializar?

Foi no final do 5º ano, no estágio de Cirurgia Geral e de Cirurgia Obstétrica, em que se tem mais contato com o anestesista. Escolhi Anestesiologia. É uma área sem muito enfoque durante a graduação, só no Internato se consegue ver como esse profissional trabalha. No 6º ano, que era mais de Emergência, também tinha cirurgia e eu comecei a gostar do manejo de paciente mais grave. O anestesista tem um foco muito importante nisso, de manter o paciente vivo, ter os seus cuidados, monitorar os diversos parâmetros, deixar o paciente melhor. O paciente já passou, por exemplo, por um acidente de carro e ainda tem o estresse da cirurgia. O anestesista tenta minimizar isso e entregar o paciente de volta no melhor estado possível. E sem dor.

Você prestou Residência no HC?

Isso. A Residência de Anestesiologia do HC é referência no Brasil e em outros países, pela variedade – desde a pequena cirurgia até transplante cardíaco, transplante hepático, todas as áreas, desde o paciente pediátrico, criança, até o paciente geriátrico, idoso. Outro ponto vital: é um hospital de inovação, de cirurgias de grandes procedimentos. Realmente a pessoa que se forma lá sai diferenciada.

Como é o processo de admissão na Residência?

A prova de Residência funciona em duas fases. A primeira fase, no meu ano, com questões de múltipla escolha e questões dissertativas. Antes eram só dissertativas.

A primeira fase é igual para todas as Residências?

É igual para todo mundo. Há Residências de acesso direto. Por exemplo, você não precisa fazer nenhuma outra Residência para começar a de Anestesiologia. E há Residências com pré-requisitos, como Cardiologia, em que é preciso ter feito antes Residência de Clínica Médica. Nos casos de acesso direto a prova é uniforme e envolve as cinco grandes áreas da Medicina: Clínica Médica, Clínica Cirúrgica, Pediatria, Ginecologia e Obstetrícia, e Medicina Preventiva e Social. Para Cirurgia Cardíaca o pré-requisito é ter feito Cirurgia Geral.

Como é a segunda fase da seleção?

A segunda fase se divide entre uma parte prática – são situações que a gente até treina durante a faculdade. São cinco situações, no mesmo dia. É como se fosse um circuito, você passa pelas situações dentro do hospital. Tem situações, por exemplo, para você lidar frente ao paciente. O paciente que traz um exame, você precisa examinar a conduta certa para ele. Aí, junto com a segunda fase, tem a entrevista. Você vai ao Departamento, conversa com o chefe, mostra o seu currículo, o que fez durante a faculdade, porque escolheu a especialidade. É basicamente isso.

No último ano, qual era a sua maior preocupação?

Escolher a especialização certa e ser aprovado na prova de Residência.

Quando começa sua Residência?

Só no ano que vem. Fui aprovado e tranquei. Todo médico de universidade pública e de algumas particulares precisa se apresentar para as Forças Armadas. Eu optei por servir na Força Aérea aqui em São Paulo. Tem um processo seletivo, a gente faz prova e também faz exames para ver se está apto ou não. Com base na sua nota, você pode escolher onde quer servir. Essa escolha é feita no final de janeiro. Aqui em São Paulo tem o Hospital de Força Aérea. O sistema da Aeronáutica é quase igual ao sistema de saúde, por escalões, tem unidade básica e tem o hospital mais especializado, que no caso é o Hospital da Força Aérea de São Paulo. Eu optei por servir em um posto médico, de atendimento um pouco mais básico, que fica no Cambuci.

Esse hospital atende só militar?

Isso, ele atende militares tanto da ativa quanto inativos e dependentes de militares.

Como é a especialização que você terá?

Será como clínico ou médico generalista.

Você terá qual salário nesse trabalho?

Como o de qualquer outro militar da mesma patente.

Qual é sua patente?

A gente começa o treinamento como aspirante a oficial. O treinamento acabou em 20 de abril e até 31 de agosto eu sou aspirante a oficial. Depois eu me torno 2º tenente. Se fosse continuar seria promovido até 1º tenente. Nesse concurso que prestei, o médico da Aeronáutica é temporário, ele pode servir no máximo oito anos, depois é desligado.

Depois será a Residência no HC. Por quanto tempo? Você vai se especializar em alguma área?

A Residência em Anestesiologia é em três anos. A área, especificamente, ainda não sei. Eu espero descobrir na Residência em que, dentro da Anestesiologia, vou querer trabalhar, me especializar ainda mais.

Mudou alguma coisa de como você pensava a Medicina quando ia prestar vestibular e agora, formado?

Sim, mudou, principalmente por achar no começo que o médico vai resolver todos os problemas. Não é tão bem assim. Você consegue ajudar muita gente, mas o que importa às vezes é trazer conforto para a pessoa, poder resolver as angústias da pessoa, nem tanto curar a pessoa, no intuito de fazer grandes diagnósticos e grandes terapêuticas.

Como está a questão da humanização da Medicina na Pinheiros?

É questão bem marcante hoje. No currículo novo o que está bom mesmo é o enfoque nessa questão, da humanização da Medicina. Não tratar o paciente como um simples número de leito. É o que estava faltando.

Qual a importância do colégio em sua formação?

Boa parte da minha infância eu passei no Etapa e aqui construí grande parte da pessoa que sou. As recordações são muito boas, tanto de amigos – que fizeram USP comigo – a gente se encontra em festas, casamentos etc. – quanto dos professores, com quem a gente tinha contato bem próximo.

Hoje, formado, você acredita que poderá realizar-se sendo útil para a sociedade, para as pessoas?

Sim. Eu vejo isso todo dia. Quando alguém me procura com alguma dúvida, alguma angústia, posso tranquilizá-la. Mesmo sem grandes coisas, um gesto ou palavras já podem fazer uma diferença. Isso faz o meu dia.